



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

(Ordem Patriarcal de Gênero e Relações Sociais de Sexo)

**Conservadorismo, patriarcado e migração: a experiência de
mulheres migrantes como expressão da totalidade capitalista**

Luara Ferreira de Souza Quadros¹
Luciane Pinho de Almeida²

Resumo: O artigo analisa o avanço do conservadorismo e a reatualização do patriarcado na sociedade capitalista, articulando-os às experiências de mulheres migrantes e refugiadas acolhidas em Campo Grande – MS. Parte da compreensão de que a feminização das migrações expressa determinações estruturais vinculadas às desigualdades de gênero, classe e raça, intensificadas pela retração de direitos sociais. Fundamentado na teoria sócio-histórica e no feminismo marxista, o estudo adota pesquisa participante com mulheres venezuelanas no CEDAMI. As rodas de conversa e atividades artísticas evidenciam os afetos como mediações entre estrutura e experiência, revelando sofrimento social, contradições e estratégias coletivas de resistência.

Palavras-chave: Conservadorismo contemporâneo; Patriarcado; Mulheres Migrantes e Refugiadas; Afetos; Gênero.

Abstract: The article analyzes the advance of conservatism and the reconfiguration of patriarchy within capitalist society, linking these processes to the experiences of migrant and refugee women hosted in Campo Grande, MS. It is grounded in the understanding that the feminization of migration expresses structural determinations connected to gender, class, and racial inequalities, intensified by the rollback of social rights. Based on socio-historical theory and Marxist feminism, the study adopts a participatory research approach with Venezuelan women at CEDAMI. Dialogue circles and artistic activities highlight affects as mediations between structure and experience, revealing social suffering, contradictions, and collective strategies of resistance.

Keywords Contemporary conservatism; Patriarchy; Migrant and Refugee Women; Affects; Gender.

¹Psicóloga, Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia (PPGPSI/UCDB) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: luaraferreira.s@gmail.com

²Assistente Social. Professora no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia. Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Mestrado e Doutorado em Serviço Social pela UNESP – Campus Franca. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9321225768028391> E-mail: lpinhoa@hotmail.com



1. INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, o avanço do conservadorismo no Brasil e em diferentes contextos internacionais configura-se como elemento central para a compreensão da atual conjuntura sociopolítica. Trata-se de um movimento articulado transnacionalmente, caracterizado pela difusão de ideologias restauradoras da ordem patriarcal, pela reafirmação de hierarquias de gênero, raça e classe e pelo fortalecimento de discursos moralizantes ancorados nos “bons costumes”, na “família tradicional brasileira” e na figura do “cidadão de bem”. De acordo com Biroli, Vaggione e Machado (2020), esse avanço pode ser compreendido como reação às conquistas obtidas por grupos historicamente vulnerabilizados, estruturando-se por meio de coalizões políticas que articulam setores religiosos e segmentos não religiosos da direita e extrema direita.

Nesse contexto, atualmente tem se observado uma retração significativa de direitos sociais historicamente conquistados, expressa no desmonte de políticas públicas, na precarização do acesso a serviços essenciais e no enfraquecimento de mecanismos de proteção social expondo a população ao risco. Tal regressão incide de forma particularmente intensa sobre populações estruturalmente vulnerabilizadas, aprofundando desigualdades e reatualizando mecanismos de dominação. A ofensiva conservadora, portanto, materializa-se não apenas no campo discursivo, mas em rearranjos institucionais que restringem a efetivação dos direitos humanos e sociais.

É nesse horizonte que se inscrevem os processos migratórios contemporâneos, especialmente aqueles protagonizados por mulheres em toda sua diversidade. A chamada feminização da migração não constitui-se como fenômeno isolado, mas é a expressão das determinações estruturais que organizam a sociedade capitalista em sua totalidade. Segundo Castles e Miller (2019), os fluxos migratórios estão intrinsecamente vinculados às dinâmicas econômicas globais, às crises políticas e às desigualdades estruturais. Assim, ao serem observados a partir da dimensão de gênero, esses processos evidenciam a imbricação entre exploração econômica, opressão patriarcal e hierarquias raciais, resultando na inserção majoritária de mulheres migrantes e refugiadas em mercados de trabalho precarizados e socialmente desvalorizados (HIRATA, 2014).

O presente artigo constitui um recorte de uma dissertação de mestrado defendido em fevereiro de 2025, o estudo foi desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa Entre flores, espelhos e faces desiguais: a dialética da força feminina nos deslocamentos humanos, financiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) no edital Mulheres nas Ciências Sul-Mato-Grossense. A investigação insere-se em um esforço coletivo entre um grupo de pesquisadoras mulheres, em analisar as experiências de mulheres em contexto de mobilidade humana, compreendendo seus deslocamentos como fenômenos socialmente determinados e atravessados por múltiplas contradições e violências.



Diante disso, o problema que orienta a presente investigação pode ser assim formulado: como o avanço do conservadorismo e a reatualização do patriarcado, no interior da sociedade capitalista, incidem sobre os afetos e as experiências de mulheres migrantes e refugiadas acolhidas em Campo Grande – MS, configurando suas trajetórias como expressão concreta das contradições da totalidade social?

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar as experiências e os afetos de mulheres migrantes e refugiadas à luz das determinações estruturais que articulam gênero, classe, raça e nacionalidade/território, problematizando como o conservadorismo contemporâneo e a retração de direitos sociais atravessam seus processos de inserção social, acesso à cidadania e construção de estratégias de resistência. Busca-se, assim, compreender os afetos como mediações sócio-históricas que expressam tanto as marcas do sofrimento social quanto as potências de elaboração coletiva e resistência, evidenciando as contradições que permeiam direitos humanos, mobilidade humana e desigualdades estruturais.

O referencial teórico-metodológico adotado ancora-se na teoria sócio-histórica e no feminismo marxista, especialmente nas contribuições de Saffioti (2004), ao compreender gênero como categoria histórica e relacional, indissociável das determinações de classe e raça. Parte-se da noção de totalidade social e da imbricação entre sistemas de exploração e opressão, entendendo que as desigualdades vivenciadas pelas mulheres migrantes e refugiadas não podem ser analisadas de forma fragmentada, mas devem ser situadas no interior das estruturas que sustentam a sociedade capitalista.

É nesse contexto mais amplo dos fluxos migratórios femininos no Brasil que se situa a realidade das participantes deste estudo: mulheres migrantes e refugiadas acolhidas no Centro de Apoio ao Migrante (CEDAMI), instituição de acolhimento e passagem localizada na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Em escala territorial, o cenário local evidencia as contradições estruturais da migração no capitalismo periférico, revelando tanto a reprodução das desigualdades quanto as possibilidades concretas de organização coletiva e resistência.

No plano metodológico, adotou-se a pesquisa participante, fundamentada na perspectiva dialógica freireana, compreendida como escolha ética, política e epistemológica. A construção do conhecimento foi realizada no primeiro semestre de 2024, por meio de quatro rodas de conversa com mulheres migrantes/ refugiadas venezuelanas, com idades entre 18 e 60 anos. Ao todo, participaram 17 mulheres ao longo do período, com variação de 4 a 10 participantes por encontro, em função do caráter voluntário e não impositivo da pesquisa.

Os encontros foram orientados por roteiro temático organizado em quatro eixos (“Sobre o meu país”, “Sobre a trajetória migratória”, “Sobre a chegada ao Brasil e permanência em Campo Grande” e “Sobre os planos para o futuro”), possibilitando a construção coletiva e horizontal das reflexões acerca das experiências migratórias, afetos, vivências de violência e estratégias de enfrentamento. Como dispositivo complementar de produção de sentidos, foram desenvolvidas atividades de pintura em tecido, compreendidas, à luz de Vigotski (1999), como mediação simbólica na elaboração das experiências e dos afetos vividos.



Os diálogos das rodas de conversas foram gravados e transcritos, sendo também registrados em diário de campo. O material empírico foi analisado por meio de análise de conteúdo, articulando categorias emergentes às determinações teóricas do referencial adotado. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido e assinado pelas participantes no início de cada encontro.

O texto a seguir analisa o avanço do conservadorismo na contemporaneidade, articulado à reatualização da ordem patriarcal no interior da sociedade capitalista, como elemento central para compreender as migrações femininas atuais. Esse processo reforça hierarquias de gênero, naturaliza desigualdades e intensifica mecanismos de controle sobre os corpos e as trajetórias das mulheres. Assim, os deslocamentos de mulheres migrantes e refugiadas devem ser entendidos a partir dessas determinações estruturais, pois expressam, no plano concreto, as contradições da totalidade social. Nesse contexto, a experiência das mulheres acolhidas no Centro de Apoio ao Migrante (CEDAMI), em Campo Grande – MS, evidencia que os afetos constituem mediações fundamentais entre estrutura e experiência, manifestando-se tanto como marcas do sofrimento social quanto como potência de resistência, elaboração coletiva e (re)construção identitária no processo migratório.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Conservadorismo e ordem patriarcal: imbricações estruturais na migração feminina

O conservadorismo pode ser compreendido como uma corrente ideológica e política orientada à preservação da ordem social estabelecida, defendendo valores, hierarquias e instituições consideradas tradicionais, como a família patriarcal, a moral religiosa e a propriedade privada. No interior da sociedade capitalista, não se trata apenas de uma posição cultural ou moral, mas de um mecanismo de legitimação das desigualdades estruturais. Conforme analisa Grilo (2020), em contextos de crise estrutural do capital, o conservadorismo tende a se reatualizar, articulando-se ao neoliberalismo e assumindo papel estratégico na manutenção da ordem vigente.

Na contemporaneidade, essa reatualização ocorre por meio da combinação entre desregulamentação econômica e moralização da vida social. De um lado, defende-se a retração de direitos sociais, a flexibilização das relações de trabalho e a responsabilização individual pela sobrevivência; de outro, reforçam-se padrões rígidos de comportamento, papéis tradicionais de gênero e discursos punitivistas dirigidos a grupos historicamente subalternizados. No contexto brasileiro recente, o avanço da extrema direita esteve acompanhado de posturas anticientificistas, xenófobas, racistas e misóginas, especialmente no período pós-pandemia da COVID-19, colocando em xeque direitos historicamente conquistados por mulheres, população negra, pessoas LGBTQIAPN+ e migrantes (GRILO, 2020).

Esse movimento não deve ser interpretado como simples retrocesso moral, mas como



expressão da própria dinâmica das relações sociais capitalistas. O conservadorismo contemporâneo opera por meio de tendências irracionais que ocultam as determinações socioeconômicas das desigualdades, deslocando a crítica estrutural para julgamentos morais individualizantes. Ao naturalizar hierarquias e responsabilizar indivíduos por sua condição social, contribui para a reprodução das relações de exploração de classe, dominação patriarcal e racismo estrutural (GRILO, 2020).

É nesse cenário que se insere a análise das experiências das mulheres migrantes e refugiadas. Conforme argumenta Quadros (2025), os processos migratórios femininos devem ser compreendidos no interior das transformações contemporâneas marcadas pela crise estrutural do capital, pela intensificação da racionalidade neoliberal e pelo avanço do conservadorismo em escala global. Essas dinâmicas não apenas reorganizam as formas de exploração econômica, mas também reatualizam a ordem patriarcal como fundamento estruturante da sociabilidade capitalista, incidindo diretamente sobre as trajetórias, condições de vida e possibilidades de inserção social dessas mulheres.

Nessa direção, os fluxos migratórios femininos não podem ser analisados dissociados das determinações estruturais que articulam exploração econômica, dominação de gênero, racismo e desigualdades nacionais (QUADROS, 2025). Dialoga-se, portanto, com a perspectiva feminista materialista, que compreende as relações sociais de sexo, raça e classe como consubstanciais, isto é, estruturalmente imbricadas na constituição da ordem social (CISNE, 2015; GRILO, 2020).

No plano das relações de gênero, o conservadorismo reafirma papéis tradicionais e reforça a centralidade da família nuclear patriarcal como modelo normativo. No contexto brasileiro recente, essa ofensiva articula-se ao ultraneoliberalismo, defendendo a retração de direitos sociais e a moralização da vida pública, ao mesmo tempo em que intensifica mecanismos de controle sobre os corpos femininos (GRILO, 2020). Tal dinâmica não é meramente cultural, mas parte constitutiva da reprodução do capital, que se sustenta na divisão sexual do trabalho e na responsabilização das mulheres pela reprodução social.

No contexto da migração feminina, essas determinações assumem contornos específicos. Muitas mulheres são compelidas a migrar em razão da precarização das condições de vida, da violência estrutural e da ausência de políticas públicas em seus países de origem. Contudo, ao chegarem ao país de acolhimento, permanecem inseridas em relações sociais marcadas pela subalternização (QUADROS, 2025). A pesquisa desenvolvida no CEDAMI evidencia que as dificuldades enfrentadas atravessam todas as fases do processo migratório (da saída do país de origem à inserção no mercado de trabalho no Brasil) manifestando-se em desemprego, exploração laboral, precariedade habitacional e fragilização das redes de apoio. Tais elementos confirmam que a migração feminina se inscreve nas contradições da totalidade social, sendo atravessada pelas imbricações entre gênero, raça, classe e nacionalidade/território.

A divisão sexual do trabalho destina, de forma recorrente, as mulheres migrantes a



ocupações historicamente desvalorizadas, como o trabalho doméstico, os serviços de cuidado e atividades informais. Essa inserção precarizada é estrutural, refletindo a posição que o capitalismo reserva às mulheres, especialmente às mulheres racializadas e pertencentes às frações mais empobrecidas da classe trabalhadora.

Como indicam as análises feministas materialistas, a exploração do trabalho feminino (produtivo e reprodutivo) constitui pilar da acumulação capitalista (CISNE, 2015). Na pesquisa de Quadros (2025), a objetificação dessas mulheres no mercado de trabalho repercute diretamente na subjetividade, produzindo sentimentos de frustração, desamparo e desvalorização.

A dimensão racial apresenta-se igualmente estruturante. O racismo organiza a distribuição desigual de oportunidades e legitima a inferiorização de determinados grupos sociais. Ainda que a pesquisa destaque a nacionalidade venezuelana das participantes, evidencia-se que a racialização atravessa suas experiências, contribuindo para práticas de discriminação e exclusão (QUADROS, 2025). A articulação entre patriarcado, racismo e exploração de classe intensifica a vulnerabilização das mulheres migrantes, posicionando-as em um lugar de inferiorização simbólica e material, em consonância com as análises de Grilo (2020) sobre o avanço de discursos xenófobos e misóginos no cenário político recente.

A nacionalidade/ território opera, por sua vez, como marcador de alteridade. As mulheres migrantes são frequentemente percebidas como estrangeiras indesejadas ou como força de trabalho excedente, o que reforça a precarização de suas condições de vida e limita o acesso a direitos sociais. Conforme evidenciado por Quadros, (2025) tais condições repercutem na subjetividade das participantes, gerando sentimentos de insegurança, não pertencimento e invisibilidade social (QUADROS, 2025). A construção social da “estrangeira” como ameaça ou trabalhadora descartável revela o entrelaçamento entre conservadorismo, nacionalismo excludente e manutenção das hierarquias sociais.

Entretanto, a análise da autora não se restringe à dimensão da dominação. A migração pode também configurar-se como prática concreta de resistência. A decisão de migrar, especialmente em contextos de crise econômica e política, constitui movimento de ruptura com condições materiais e simbólicas opressivas (QUADROS, 2025). Além disso, as lutas das mulheres não se limitam a enfrentamentos institucionais explícitos, mas se expressam em práticas cotidianas de reorganização da vida e construção de redes solidárias (GRILO, 2020).

A pesquisa realizada no Centro de Apoio ao Migrante (CEDAMI) demonstra que, mesmo inseridas em uma estrutura social que tende à objetificação, as mulheres migrantes constroem redes de apoio e desenvolvem formas coletivas de elaboração de suas vivências. Os afetos expressos nas rodas de conversa e nas produções artísticas revelam, simultaneamente, as marcas da opressão e a potência de agir presente em suas trajetórias (QUADROS, 2025). Assim, a resistência configura-se como processo histórico e cotidiano de afirmação da dignidade, da memória e da identidade.

Dessa forma, o avanço do conservadorismo e a reatualização da ordem patriarcal



incidem diretamente sobre as experiências das mulheres migrantes e refugiadas, intensificando vulnerabilidades e reproduzindo desigualdades estruturais. Contudo, no interior dessas mesmas contradições, emergem práticas de resistência que evidenciam a capacidade dessas mulheres de produzir novas formas de sociabilidade, reorganizar suas vidas e afirmar-se como sujeitas históricas. A migração feminina expressa, simultaneamente, os limites impostos pela totalidade social e as possibilidades de transformação que dela emergem, reafirmando a centralidade da luta antirracista, antipatriarcal e anticapitalista na compreensão crítica desses processos.

2.2 Afetos e resistência: a experiência de mulheres migrantes no CEDAMI como mediação concreta

A compreensão de afeto adotada neste estudo afasta-se de interpretações reducionistas que o limitam ao campo das emoções individuais ou a estados psicológicos isolados. Fundamentada na tradição espinosana, articulada ao materialismo sócio-histórico e às contribuições de Vigotski, a afetividade é concebida como dimensão constitutiva do ser social. Nessa perspectiva, os afetos dizem respeito às variações da potência de agir, produzidas nas relações que os indivíduos estabelecem com o mundo e com os outros. Não se trata, portanto, de fenômenos exclusivamente internos, mas de expressões concretas das condições materiais, históricas e sociais nas quais a vida se realiza.

Para Quadros (2025), a afetividade, longe de ser uma simples reação emocional ou sentimental, desempenha papel central na construção da subjetividade das mulheres migrantes e refugiadas. Os afetos vivenciados por essas pessoas em situação de mobilidade são compreendidos como forças que impulsionam ações, vínculos e resistências, emergindo tanto como catalisadores da adaptação quanto como manifestações de sofrimento e enfrentamento diante das opressões vividas (QUADROS, 2025). Assim, os afetos constituem mediações entre estrutura social e experiência singular, expressando, no plano subjetivo, as contradições objetivas da sociabilidade capitalista. podendo tanto revelar marcas do sofrimento social (como medo, culpa, vergonha e desamparo) quanto constituir potência de resistência, solidariedade e elaboração coletiva, especialmente nos espaços de partilha e construção conjunta, como os vivenciados no CEDAMI.

Essa compreensão é aprofundada à luz das contribuições de Saffioti (2015), especialmente no que se refere às imbricações entre gênero, raça, classe e nacionalidade/território. Para a autora, as opressões não operam de forma isolada ou aditiva, mas articulam-se estruturalmente, compondo um sistema de dominação que incide de maneira diferenciada sobre os corpos femininos, sobretudo aqueles racializados e pertencentes às classes subalternas. A exploração econômica (classe), a dominação patriarcal (gênero) e o racismo estrutural (raça) formam um nó indissociável que organiza as hierarquias sociais e distribui desigualmente poder, direitos e reconhecimento.



Ao incorporar a dimensão da nacionalidade e território (elementos incontornáveis na experiência migratória), evidencia-se que as mulheres migrantes e refugiadas ocupam posição social marcada por múltiplas vulnerabilizações. São mulheres em uma ordem patriarcal; frequentemente racializadas em um contexto atravessado pelo racismo estrutural; pertencentes, em sua maioria, às frações precarizadas da classe trabalhadora; e migrantes em um país que as situa como “outras”, muitas vezes associadas à informalidade ou à subalternidade laboral. Essas determinações estruturais incidem diretamente sobre suas experiências afetivas, produzindo sentimentos de desvalorização, insegurança e não pertencimento. Contudo, tais condições também fortalecem vínculos de solidariedade e impulsionam estratégias coletivas de sobrevivência.

No contexto das migrações forçadas, os afetos manifestam-se como marcas das rupturas, perdas e violências que atravessam o deslocamento. Medo, saudade, insegurança, frustração e desamparo emergem como expressões das condições de exclusão, discriminação e precarização vivenciadas por essas mulheres (QUADROS, 2025). Entretanto, tais afetos não se esgotam na dimensão do sofrimento. A mesma realidade que produz afecções que diminuem a potência de agir pode também engendrar afetos ativos, como esperança, solidariedade e coragem, capazes de impulsionar movimentos de resistência e reconstrução da vida.

Para Saffioti (2004), a resistência feminina não deve ser compreendida apenas como enfrentamento explícito, mas como prática cotidiana que tensiona as estruturas de dominação. No caso das mulheres migrantes e refugiadas, a própria decisão de migrar pode configurar-se como ato de ruptura com condições materiais e simbólicas opressivas. Ademais, a inserção no mercado de trabalho, ainda que em condições precárias, a reorganização familiar em um novo território e a participação em espaços coletivos de fala e elaboração constituem formas concretas de resistência que se produzem no interior das contradições do capitalismo dependente e patriarcal.

A resistência, nessa perspectiva, é compreendida como processo histórico e cotidiano de afirmação da existência. Ela se materializa tanto na decisão de migrar — rompendo com condições de vida insustentáveis — quanto na luta pela preservação da dignidade, da memória e da identidade em um novo território. Conforme evidenciado nos resultados da pesquisa, a luta dessas mulheres “vai além da mera sobrevivência física”, envolvendo a defesa de sua dignidade frente a um sistema que tende a objetificá-las e invisibilizá-las (QUADROS, 2025).

É nesse horizonte teórico que se insere a experiência das mulheres migrantes e refugiadas acolhidas no Centro de Apoio ao Migrante (CEDAMI), em Campo Grande/MS. O CEDAMI configura-se como espaço institucional de acolhimento que, para além do atendimento às necessidades materiais imediatas, constitui-se como campo de produção de vínculos, narrativas e elaboração coletiva das vivências. A pesquisa participante realizada nesse espaço evidenciou que os afetos operam como mediações concretas entre as determinações estruturais da sociedade e as formas singulares de experienciar o processo migratório.

As rodas de conversa, realizadas no primeiro semestre de 2024, estruturaram-se como



espaços dialógicos de construção coletiva do conhecimento. Fundamentadas em roteiro temático orientador (“Sobre o meu país”; “Sobre a trajetória migratória”; “Sobre a chegada ao Brasil e permanência em Campo Grande”; e “Sobre os planos para o futuro”), permitiram apreender como os afetos sentidos no deslocamento estão imbricados à formação social do “ser mulher” migrante em uma sociedade patriarcal-racista-capitalista (QUADROS, 2025).

A dinâmica metodológica articulou narrativa oral e pintura em tecido como instrumentos de expressão. Cada encontro iniciava-se com uma pergunta disparadora, seguida da produção artística e da partilha coletiva das interpretações. Esse movimento favoreceu a elaboração das memórias e a transformação de experiências fragmentadas em narrativas compartilhadas (QUADROS, 2025). A arte, nesse contexto, assumiu caráter de práxis, constituindo-se como forma de trabalho criador que preserva sua dimensão emancipatória e possibilita a expressão das subjetividades.

Os resultados demonstraram que as experiências de exclusão, discriminação e precarização atravessam todas as etapas do processo migratório, impactando relações familiares, inserção laboral e condições de vida (QUADROS, 2025). Tais determinações objetivas manifestam-se nos afetos expressos nas falas e pinturas das participantes. Entretanto, a vivência compartilhada nas rodas de conversa favoreceu o fortalecimento de vínculos e a construção de consciência coletiva, permitindo a superação da alienação individual e a mobilização em torno de demandas comuns.

Desse modo, os afetos não apenas refletem as imbricações entre gênero, raça, classe e nacionalidade, mas também operam como energia social mobilizadora. Quando elaborados coletivamente, podem converter-se em potência política. A experiência no CEDAMI evidencia que a resistência não se limita ao enfrentamento externo das adversidades estruturais, mas realiza-se também na elaboração subjetiva das vivências, na construção de redes de apoio e na afirmação cotidiana da dignidade. Assim, os afetos configuram-se como mediações concretas entre totalidade social e experiência singular, revelando que, no interior das contradições do capitalismo contemporâneo, as mulheres migrantes e refugiadas se afirmam como indivíduos históricas capazes de produzir resistência e transformação social.

3. RESULTADOS E CONCLUSÕES

As informações apresentadas neste estudo evidenciam que os fluxos migratórios contemporâneos estão intrinsecamente vinculados às desigualdades estruturais do capitalismo global. A crise do capital, que incide de forma desigual entre países centrais e periféricos, intensifica a precarização das condições de vida e impulsiona deslocamentos forçados, produzindo contingentes de força de trabalho disponíveis à exploração. Nos últimos anos, esse cenário tem sido acompanhado pelo fortalecimento do conservadorismo articulado ao neoliberalismo, marcado pela retração de direitos sociais, moralização da vida pública e difusão de discursos xenófobos, racistas e misóginos (BARROCO, 2015).



É nesse contexto que se responde a questão central desta análise: de que modo o avanço do conservadorismo e a reatualização do patriarcado incidem sobre os afetos e as experiências de mulheres migrantes e refugiadas acolhidas em Campo Grande – MS, configurando suas trajetórias como expressão concreta das contradições da totalidade social?

A incidência manifesta-se, em primeiro lugar, no plano das condições objetivas de existência. A articulação entre neoliberalismo e conservadorismo legitima a precarização do trabalho, a flexibilização de direitos e o reforço de hierarquias de gênero, raça e nacionalidade. As mulheres migrantes são inseridas, majoritariamente, em ocupações desvalorizadas e informais, ao mesmo tempo em que recaem sobre elas expectativas patriarcais relacionadas ao cuidado e à reprodução social. A moralização da pobreza e da migração desloca as determinações estruturais para o âmbito individual, responsabilizando-as por sua própria vulnerabilidade.

Essas determinações objetivas incidem diretamente sobre a dimensão subjetiva. As experiências de discriminação, exploração e invisibilização produzem afetos como medo, insegurança, não pertencimento e desvalorização, conforme evidenciado nas falas e produções artísticas das participantes da pesquisa (QUADROS, 2025). Os afetos, nesse sentido, não são meramente reações individuais, mas mediações concretas das relações sociais: expressam, na experiência vivida, as contradições entre exploração de classe, dominação patriarcal e racialização.

Entretanto, as trajetórias dessas mulheres não se reduzem à vulnerabilização. No interior das mesmas contradições que produzem sofrimento, emergem práticas de resistência. As rodas de conversa no CEDAMI, e os espaços coletivos de partilha possibilitam a elaboração das experiências, o fortalecimento de vínculos e a construção de consciência coletiva (QUADROS, 2025). Ao reconhecer o caráter socialmente produzido do sofrimento, rompe-se parcialmente com a lógica individualizante do conservadorismo, abrindo espaço para a afirmação de direitos e identidades.

Desse modo, as experiências das mulheres migrantes e refugiadas acolhidas em Campo Grande – MS revelam-se como expressão concreta da totalidade social: nelas se condensam as determinações estruturais do capitalismo contemporâneo e, simultaneamente, as possibilidades históricas de enfrentamento e transformação. Os afetos tornam-se, assim, campo privilegiado onde se inscrevem tanto os mecanismos de dominação quanto a potência de resistência que atravessa suas trajetórias.

5. REFERÊNCIAS

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Não passarão!** Ofensiva neoconservadora e Serviço Social. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 124, p. 623–636, 2015. DOI: 10.1590/0101-6628.042.



- BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos (org.). **Gênero, neoconservadorismo e democracia:** disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **The age of migration:** international population movements in the modern world. 6. ed. New York: Guilford Press, 2019.
- CISNE, Mirla. Feminismo e consciência de classe no Brasil. São Paulo: Cortez, 2015.
- GRILO, Leny Maciel. **As tendências da relação entre classe, raça e sexo no contexto de avanço do conservadorismo.** 2020. 78 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Serviço Social, Natal, 2020.
- HIRATA, Helena. **Gênero, patriarcado, trabalho e classe.** Revista Trabalho Necessário, Niterói, v. 16, n. 29, 2018.
- QUADROS, Luara Ferreira de Souza. **Afetos em movimento:** a arte como ferramenta de expressão e emancipação de mulheres migrantes e refugiadas acolhidas no Centro de Apoio ao Migrante (CEDAMI) em Campo Grande - MS. 2025. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2025.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classe:** mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- VIGOTSKI, Lev. **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.